



## Realidade e ficção no romance *Dom Carlos de Lisboa*, de Chaim Eliav

### Reality and Fiction in the Novel *Dom Carlos de Lisboa* by Chaim Eliav

Reuven Faingold\*

The Hebrew University of Jerusalem

reuvenfaingold@gmail.com

**Resumo:** *Dom Carlos de Lisboa* é um romance escrito em hebraico, que narra o estilo de vida dos cristãos-novos portugueses há 400 anos. Por meio do almirante Dom Carlos Carneiro, Chaim Eliav (1956-2020) descreve o movimento dos judeus convertidos que agia na clandestinidade sob o comando de Manuel Dias Soeiro, aliás Menashe Ben Israel (1604-1657), um dos rabinos mais admirados da comunidade hispano-portuguesa de Amsterdã.

**Palavras-chave:** Cristãos novos. Inquisição. Menashe ben Israel.

**Abstract:** *Dom Carlos de Lisboa* is a novel written in Hebrew, which describes the lifestyle of the Portuguese New Christians who lived 400 years ago. Through Admiral Dom Carlos Carneiro, the author Chaim Eliav (1956-2020) discovers the movement of *Conversos* that acted clandestinely under the command of Manuel Dias Soeiro, alias Menashe Ben Israel (1604-1657), one of the most admired rabbis of the Spanish-Portuguese community of Amsterdam.

**Keywords:** New Christians. Inquisition. Menasseh ben Israel.

### Introdução

O romance *Dom Carlos de Lisboa*, de Chaim Eliav (1936-) é baseado em fatos históricos, mantendo um discurso fiel à experiência de vida dos conversos, dos seus líderes e da sua dedicação em observar *Mitsvot da Torá*, preceitos que ancestrais guardavam há anos quando foram obrigados a abdicar da sua fé em 1497.

A trama do romance transcorre entre Lisboa e Amsterdã, entre os anos 1632 e 1657. A primeira data coincide com a publicação de *O Consolador*, de Menashe Ben Israel e a segunda nos lembra o falecimento do rabino holandês. No texto, aparece a data de 4 de abril de 1641, momento em que Dom Carlos visita o rabino em Amsterdã.

Oito personagens compõem a narrativa: o almirante Dom Carlos, a personagem central; o rabino Menashe Ben Israel (Manuel Dias Soeiro); Dona Beatriz Carneiro, mulher de Dom Carlos; o chefe da Inquisição Pedro João Manuel; o secretário da

---

\* Historiador e educador. Fundador e Ex-Diretor educacional do Memorial do Holocausto em São Paulo. Doutor em História e História Judaica pela Universidade Hebraica de Jerusalém.



Inquisição Arnaldo da Fonseca; o líder dos conversos de Lisboa Arnaldo Rodrigues, aliás Raphael Chaim; o líder dos conversos de Porto, Rodrigues de Oliveira; e Pedro Álvares, sobrinho de Dom Carlos.

Quem é Dom Carlos? Protagonista e figura principal, Dom Carlos Carneiro, filho de Dom Fernando Álvares, (cujo nome no Judaísmo é Isaac Ben Israel), trabalhou como Almirante da Marinha e era amigo do Rei de Portugal, D. João VI. Judaizante e líder da comunidade dos conversos em Lisboa, Dom Carlos era respeitado, mantinha amizade com o sábio Menashe Ben Israel e visitava, com frequência, Amsterdã. A Inquisição suspeita de Dom Carlos trair o Cristianismo e, por meio de manobras inescrupulosas, elabora uma armadilha para capturá-lo.

Dom Carlos de Lisboa é retratado como um patriota pelo monarca e como um traidor pela Inquisição. Patriota ou traidor, seus atributos e qualidades surgem de forma controversa numa rápida conversa entre o Rei de Portugal e um funcionário do Santo Ofício:

Rei: Ele é um líder militar incomparável, um general supremo. A nossa gloriosa Marinha conseguiu, sob seu comando, liberar nossos navios mercantis da ameaça dos piratas... O acordo assinado por Dom Carlos com o governo holandês minou a possibilidade de os piratas fugirem para o porto de Amsterdã ou outros como ele.<sup>1</sup>

Inquisição: Mas, Dom Carlos fez outras coisas importantes em Amsterdã, coisas muito prejudiciais para o Reino. E Vossa Alteza, o príncipe, não entende que um ataque à Fé Católica e à autonomia das pessoas também é prejudicial ao Reino?! Este é um dano que em nada é menor do que o dano causado por um pirata! Vossa Alteza bem sabe que já havia uma sombra de suspeita sobre Dom Carlos.<sup>2</sup>

A maior parte da pesquisa acadêmica sobre o tema aponta para essa diferença de interesses entre o braço secular e o braço religioso. Ela ainda desvenda o dia a dia do converso, mas pouco revela acerca de seus vizinhos cristãos. Portanto, existe ainda um espaço aberto para recompor a vida cotidiana das comunidades da “Diáspora hispano-portuguesa”, principalmente no que tange à reconstrução através dos textos sagrados.<sup>3</sup>

A reconstrução do *modus vivendi* dos conversos emerge dos “Processos de Inquisição” e das fontes ligadas a essa instituição clerical, como “Monitórios”, “Regimentos”, o

<sup>1</sup> Eliav, 2019, p. 91.

<sup>2</sup> Eliav, 2019, p. 91.

<sup>3</sup> Kaplan, 1985, p. 197-224.



“*Index Librorum Proibitorum*”, as “Listas de sentenciados nos Autos da Fé”, “Livros de Confissões e Denunciações” e “Sermões dos Autos de Fé”, dentre outros.<sup>4</sup>

No movimento subterrâneo dos cristãos-novos portugueses, é possível detectar uma dinâmica explícita de “ação e reação”. Como num tabuleiro de xadrez, a toda ação do converso segue-se uma reação imediata do tribunal do Santo Ofício da Inquisição.

A forma como interagem os perseguidos diante de uma estrutura político-religiosa como foi a Inquisição pode ser assim esquematizada: 1) O converso observa preceitos judaicos ou *mitsvot* durante sua vida; 2) a Inquisição cria e mantém um “sistema de delações” no qual o converso descoberto é entregue de forma imediata; 3) diante desse rigoroso sistema de delações, os conversos tentam esquivar-se (burlar) das diretrizes do Santo Ofício; 4) alguns cristãos-novos judaizantes foram detidos e levados a um mundo subterrâneo, os cárceres da Inquisição; 5) a difícil situação nos porões e cárceres inquisitoriais gera “resgates” de conversos das prisões; 6) os conversos resgatados não continuam a viver na metrópole (Lisboa) e desenvolvem roteiros de fuga, longe das masmorras inquisitoriais; 7) os roteiros de fuga ajudam a construir a “Diáspora hispano-portuguesa” na qual os conversos podem voltar livremente ao Judaísmo; 8) os principais centros de retorno à Lei de Moyses são, nesse período, França, Países Baixos, Amsterdã, Londres, Itália, o Império turco-otomano e as capitaniais do Brasil colonial.

### A observância de *mitsvot*

O romance *Dom Carlos de Lisboa* relata o desejo dos conversos de salvar-se na Lei de Moyses. Isso não é apenas uma vontade individual, mas um anseio coletivo dos marranos lisboetas. O estudo dos “Livros de Denunciações do Santo Ofício de Lisboa” do século XVI, permite revelar ritos e preceitos mantidos diariamente pelos judaizantes. A firme observância desses costumes milenares no seio de uma sociedade totalmente hostil, surge como um “renascer de hábitos” diariamente reprimidos pela Inquisição.<sup>5</sup>

O mundo dos preceitos judaicos, ou *mitsvot*, é amplo e variado, mas a Inquisição o enxerga como uma série de heresias, repleta de transgressões e de pecados. No “Édito de Graça”, um cartaz afixado nas portas das igrejas e nas praças, aparecia a lista de preceitos judaicos para que todo cristão pudesse delatar o transgressor. Todos os itens da lista eram vistos como pecados contra o Cristianismo.

O documento conhecido como “Monitório” elenca ritos e costumes milenares observados pelos conversos: guardar o *Shabat*, varrer a casa às avessas, fazer o abate *casher* (segundo o rito judaico), não ingerir carne de toucinho, observar o *Yom Kipur* ou

<sup>4</sup> Faingold, 2016, p. 93.

<sup>5</sup> Faingold, 2016, p. 92-111.



“Grande Jejum”, recitar Salmos “*Sem Gloria Patri, et Filii, et Spiritu Sancti*” (sinal da Trindade), colocar *teflin* (filactérios), realizar o *Sêder* na Pascoa, preparando os pães ázimos, cumprir o jejum da “Rainha Esther”, respeitar os dias de luto, dar a benção de Efraim e Menasseh (benção específica para filhos), fazer, aos oito dias, a circuncisão, limpar candeeiros às sextas-feiras, celebrar a festa de *Sucot* (Festa dos Tabernáculos), vestir camisas brancas e limpas nos dias sagrados.<sup>6</sup>

*Dom Carlos de Lisboa* registra, em detalhes,

um *minian* maravilhoso, mas uma tragédia terrível! Entre os participantes estavam também dois altos funcionários do ministro das finanças, comerciantes respeitáveis, um visitante do Brasil e algumas outras pessoas. Eles investigaram a todos e os torturaram por um ano inteiro, os malditos inquisidores... Todos confessaram seus pecados: confessaram que cumpriam *Shabat*, que jejuavam no *Yom Kipur*, confessaram que não comiam pão em *Pessach* e que jamais tinham provado o gosto da carne de porco.<sup>7</sup>

A circuncisão foi um preceito decisivo na vida dos conversos que pretendiam voltar a viver como judeus plenos. Eles eram cientes dos perigos existentes e sabiam perfeitamente que os inquisidores conheciam o ritual. Também, naquela época, a cerimônia era feita por um *mohel*, e inclusive temos descrições da festa que era preparada pelos familiares da criança, uma comemoração regada a vinho e cozidos. No romance, essa celebração pode der vista em:

Mas, hoje tinham se sentido compelidos a vir a qualquer preço porque Roberto Machado, filho do prefeito Jaime Machado, decidiu se arriscar e introduzir o filho pequeno (com três meses) no pacto de Abraão... O *mohel* era Dom Carlos, que veio de Lisboa especialmente para cumprir esse mandamento. O bebê veio envolto em uma pequena manta de palha... Até vinho e cozidos as boas mulheres se preocuparam em trazer. Uma grande alegria reinava no jardim... Dom Carlos e outros convidados não se demoraram. Assim que o bebê chegou, prepararam-lhe a cerimônia de circuncisão. Roberto Machado, o pai, estava emocionado. Ele percebeu que tinha feito algo que se fosse descoberto o faria morrer com honra na fogueira. Mas ele sentiu uma grande alegria no coração, justamente por causa do risco envolvido. Aqui ele tinha o direito de praticar os mandamentos,

<sup>6</sup> Faingold, 2016, p. 94.

<sup>7</sup> Eliav, 2019, p. 16-17.



não em paz e tranquilidade como em todas as comunidades judaicas, mas sob coação e medo. O mandamento realizado deste jeito ficava muito mais importante, santo e agradável aos olhos de D'us. Isso porque ele mostrava a devoção e o desejo de cumprir os mandamentos".<sup>8</sup>

O preceito de colocar filactérios, ou *tefilin*, somente poderia ser feito dentro de casa ou em lugares despovoados, longe do olhar atento de delatores e da Inquisição. O romance traz, explícita, a benção dos *tefilin*: "Bendito és Tu, Eterno, Nosso D'us, Rei do Universo, que nos santificou com Seus mandamentos e nos ordenou colocar *tefilin*".<sup>9</sup>

Em outra passagem do texto, Dom Carlos e o converso Rodrigues de Oliveira vão até um jardim para colocar *tefilin*. Eis a conversa:

Logo mais o dia vai raiar – disse Rodrigues para Dom Carlos, com um sorriso largo no rosto – e então poderemos cumprir o mandamento dos *tefilin*. Os olhos de Dom Carlos se iluminaram. Desde que Arnaldo Rodrigues tinha sido pego e, junto com ele, um grande grupo de marranos, já não se encontravam mais *tefilin* em Lisboa. Os vilões os tinham confiscado de um porão que servia de sinagoga e apenas dois pares de *tefilin* haviam sobrado.<sup>10</sup>

Pouco conhecido é o hábito de esconder *tefilin* nas árvores. Dentro de um jardim público, acontece a seguinte cena: "Rodrigues foi até uma das árvores, removeu cuidadosamente um pedaço de madeira do tronco, e do lugar oco retirou um par de *tefilin*. Estes são os *tefilin* – ele disse com um sorriso – que eu consegui salvar da igreja naquela misericordiosa noite. Com a sua licença, João Batista, vamos homenagear os ilustres convidados de Lisboa deixando eles colocarem os *tefilin* primeiro, certo?".<sup>11</sup>

Assistimos também à colocação de *tefilim* por parte de Dom Carlos, preceito realizado com professores da Universidade de Coimbra. Meses depois, os professores são torturados e queimados:

No rosto de Dom Carlos era visível uma forte emoção. Já havia tempo desde que tinha posto os *tefilin* pela última vez. Fora há dois anos na Universidade de Coimbra, quando deu uma palestra sobre a força da Marinha portuguesa. Em seguida, ele foi convidado por professores para uma refeição festiva, no final

<sup>8</sup> Eliav, 2019, p. 63.

<sup>9</sup> Eliav, 2019, p. 52.

<sup>10</sup> Eliav, 2019, p. 46.

<sup>11</sup> Eliav, 2019, p. 51.



da qual, poucos minutos antes do pôr do sol, trouxeram-lhe *tefilin* para ele colocar. Sem dizer nada a eles, e até hoje ele não sabe como, esses professores sabiam que ele, Dom Carlos, era um judeu em segredo como eles. Alguns meses depois, lembrou-se com pesar, no momento de receber das mãos de Rodrigues os *tefilin*, de quando aqueles professores foram pegos, e, depois de torturas, queimados como mártires.<sup>12</sup>

A Pascoa judaica dos conversos acontecia frequentemente em lugares secretos, porões escuros e úmidos, longe dos inquisidores. Dom Carlos, no texto, procura sua esposa Beatriz, que se encontra no porão da residência do casal:

Dom Carlos sabia bem de qual porão ela estava falando. Era o porão secreto deles, no qual tinham preparado por anos, para todos os membros da pequena comunidade, o *Sêder de Pessach* (às vezes ocorria vários dias antes da data real, quando suspeitavam que os detetives da Inquisição os estavam seguindo na noite de 15 de Nissan). Era o porão onde mais de uma vez rezas foram pronunciadas, quando outros locais secretos mostravam-se perigosos. Neste porão tinham ocultado várias vezes cristãos, que depois foram descobertos por serem judeus incógnitos, e que precisavam se esconder de todos até as suspeitas passarem.<sup>13</sup>

## Impressão de obras sagradas

Na Península Ibérica, a proibição imposta aos conversos de imprimir e difundir obras sagradas era total. Não obstante, a carência de textos hebraicos nunca foi obstáculo para os conversos lusos. Desde a mais tenra idade, eles aprendiam a decorar rezas extraídas de citações bíblicas, especialmente dos salmos. Assim, o texto sagrado passava de geração em geração.

Naturalmente, a situação gerada pela conversão forçada do ano 1497 aumentou a proibição de utilizar textos com caracteres hebraicos. Perante essa forte censura inquisitorial, as primeiras Bíblias impressas com caracteres latinos; denominadas em Portugal de *Brírias*, tiveram um papel fundamental na difusão do Judaísmo.

Os livros sagrados eram contrabandeados para o interior de Portugal, para longe da vigilância dos funcionários da Inquisição. Em breve passagem, Dom Carlos faz uma confissão sincera a Menashe Ben Israel:

Espero que entre a mercadoria estejam escondidos também os Pentateucos e, em particular, o seu importante e precioso livro,

<sup>12</sup> Eliav, 2019, p. 52.

<sup>13</sup> Eliav, 2019, p. 161.



“O Conciliador”. Você não sabe quantas pessoas em Portugal foram salvas da heresia e da apostasia por causa deste seu livro. É preciso seguir em frente, Rabi Menashe, e D’us nos ajudará!<sup>14</sup>

Um episódio que ensina acerca da vontade dos conversos em estudar os textos bíblicos, está vinculado ao contrabando de Bíblias com letras hebraicas dentro de Portugal e desde Lisboa até as colônias d’além-mar: Goa, Cochim e Brasil.

Em 1505, chegou Francisco Pinheiro a Cochim (Índia), com uma grande caixa repleta de Bíblias hebraicas confiscadas de esnogas ou sinagogas. Francisco comercializou essas Bíblias por grandes quantias. Nesse tempo, morava em Cochim uma cristã-nova que teria ajudado Francisco na venda. As notícias sobre essa comercialização de Bíblias na Índia chegaram aos ouvidos de Dom Francisco d’Almeida, alto funcionário da corte lusitana. Em pouco tempo, o cortesão ordenou encerrar por completo essa atividade, confiscando a caixa com todos os livros sagrados.<sup>15</sup>

Nos séculos XVI e XVII, o esquema de contrabando de livros hebraicos era meticuloso e sofisticado, envolvendo marinheiros e trabalhadores dos portos de Amsterdã e de Lisboa. Qualquer tipo de problema alfandegário devia ser evitado, permitindo que a mercadoria chegasse à porto seguro. O testemunho, no romance de Eliav, é contundente:

Eram dois carregadores do porto, marinheiros do grupo dos marranos que trabalhavam no navio Vera Cruz, no qual ele, Dom Carlos, era o comandante. A função deles era se certificar de que os livros sagrados que o Rabi Menashe Ben Israel dera em Amsterdã chegassem sem contratemplos a Lisboa, até a casa de Dom Carlos. E, de fato, eles tinham chegado. Os livros estavam escondidos no caixote que os dois carregadores tinham trazido consigo.<sup>16</sup>

Enterrar pertences judaicos, principalmente livros com caracteres hebraicos que os comprometiam, era um fenômeno frequente. Beatriz, a esposa de Dom Carlos, com medo de uma devassa da Inquisição, revela a seu marido:

— Meu coração de mulher me diz que estamos em apuros. Decidi, portanto, limpar o porão de todo vestígio judaico. Não fique com raiva de mim. Mas eu enterrei os livros de orações e o *talit*. Eu sei onde. Assim, se o vento de misericórdia soprar sobre nós, e se D’us tiver piedade, poderemos encontrá-los. Mas, agora, estou com medo, Carlos. Se novamente eles vierem à

<sup>14</sup> Eliav, 2019, p. 19.

<sup>15</sup> Faingold, 2016, p. 99-100.

<sup>16</sup> Eliav, 2019, p. 28.



nossa casa eu não quero que possam encontrar algo em que basear as suas acusações satânicas. Eu estava no meio do trabalho quando você me chamou. Desculpe-me.<sup>17</sup>

A diáspora hispano-portuguesa, originária das expulsões e batismos forçados de 1497, seguida pelo estabelecimento do Tribunal da Inquisição em 1536, foi crescendo exponencialmente com o passar do tempo. Abandonar as terras de idolatria era o sonho acalentado por qualquer judaizante. No romance, em Amsterdã, durante uma visita ao rabino Menashe Ben Israel, Dom Carlos afirma:

A Diáspora se torna mais difícil e amarga a cada dia que passa. Quem dera tivesse a possibilidade e a oportunidade de sair de lá (Lisboa) e vir morar aqui em Amsterdã, cidade que não sabe o que é sofrimento, perseguição, intolerância, que promove a aceitação e onde se pode cumprir os mandamentos abertamente e sem medo.<sup>18</sup>

As pesquisas focadas no estilo de vida judaico seguido pelos cristãos-novos, pouco revelam acerca da forma em que estes se reconheciam. A maioria dos estudos sugere haver códigos ou sinais combinados *a priori* que permitiam que estes se reconheçam como judeus. Um desses sinais era visitar seus correligionários dando um número determinado de batidas na porta, como podemos observar em *Dom Carlos de Lisboa*:

Dom Carlos parou não muito longe do portão. Por precaução, olhou ao redor, analisando através da neblina para ver se ninguém o seguia. Aproximou-se do portão, e deu três batidas curtas e ritmadas. Depois de um minuto, deu mais três batidas, voltou a esperar cerca de um minuto e finalmente deu mais quatro batidas. Este era o sinal combinado.<sup>19</sup>

Na hora do interrogatório da Inquisição, o secretário Arnaldo de Fonseca, numa dura conversa dirigida a Dom Carlos, afirma:

Exatamente o número de batidas que você deu à porta do desprezível infiel que, aparentemente, era um sinal combinado entre vocês, e as quatro horas que você ficou dentro da casa dele!<sup>20</sup>

<sup>17</sup> Eliav, 2019, p. 162.

<sup>18</sup> Eliav, 2019, p. 13-14.

<sup>19</sup> Eliav, 2019, p. 12.

<sup>20</sup> Eliav, 2019, p. 204.



Por vezes, as orações serviam para identificar membros de uma comunidade ou ajuntamento de judeus. E, naturalmente, a prece “*Shema Israel*” (Ouve Israel) aparece como a preferida dos conversos:

Os padres sentiram que Alfonso não acreditava mais neles. O medo e a tensão estavam estampados em seu rosto. O jovem monge inclinou-se e aproximou a boca do ouvido de Alfonso e sussurrou: *Shemá Israel Hashem Elokhenu Hashem Echad*. Alfonso não se moveu. É verdade, este versículo era um sinal entre os marranos, quando eles queriam se identificar como irmãos.<sup>21</sup>

## O funcionamento das delações

A superioridade da Inquisição foi estabelecida por intermédio de um apurado sistema de delações criado especialmente para detectar o maior número possível de cristãos novos. O braço secular, representado pelo rei de Portugal, depositava a responsabilidade pelas devassas ao braço clerical, representado exclusivamente pelo Inquisidor e por seus fiéis funcionários. Em fala entre funcionários da Inquisição, o medo a Dom Carlos Carneiro é latente:

— Caros amigos, vocês estão certos. As coisas não são simples. Estou muito, muito desconfiado de que o rei nos deu a permissão de investigar o que está acontecendo na casa de Dom Carlos pois ele está convencido de que não vamos encontrar nada. E que, então, Dom Carlos vai se opor a nós com toda a sua influência. Ele certamente é capaz de nos atingir, a nossa força e a nossa liberdade. Ele é muito forte. Eu acho que o rei quer que percamos um pouco de nossa influência. Vocês sabem que ele mesmo, o próprio rei, tem medo de nós?<sup>22</sup>

Importante dizer que as delações permitiram que a Inquisição pudesse conduzir investigações, realizar julgamentos e emitir sentenças a réus tidos como hereges. Nessa linha, precisamos indagar: o que era a autodenúncia? Basicamente, é a confissão de um converso que conta suas próprias culpas ou transgressões religiosas. Ela é fruto de contatos rápidos com pessoas próximas. O denunciante era obrigado a informar ao tribunal hábitos judaicos de familiares, amigos ou conhecidos.

Nem sempre os inquisidores aceitavam a autodenúncia. Assim, temos delações em que esposas denunciam maridos e filhos que, por sua vez, entregam pais por ensinarem ritos e preceitos judaicos. Dessa forma, consolidou-se uma complexa rede de denúncias, que ficava à disposição de um sofisticado esquema. No romance, o

<sup>21</sup> Eliav, 2019, p. 86.

<sup>22</sup> Eliav, 2019, p. 58.



protagonista Dom Carlos Carneiro é denunciado à Inquisição pelo seu sobrinho Pedro Álvares, filho de Roberto Carneiro, irmão de Dom Carlos.

Muitas foram as vezes em que um cristão velho denunciava um cristão-novo. Era a modalidade mais frequente na época. As motivações para esse tipo de denúncia eram, geralmente, de caráter social ou econômico. A cobiça e a inveja ampliava a forte concorrência diária entre pessoas. Há, ainda, motivações religiosas, fruto de uma propaganda sistemática Igreja Católica imposta à população cristã.

Um cristão-novo denunciar um outro cristão-novo era o fenômeno mais comum na sociedade lusitana. Tendo como principal meta a sua libertação, o denunciante entregava ao “santo” tribunal amigos e vizinhos. Para atingir um número considerável de denúncias, o tribunal inquisitorial fazia falsas promessas ao denunciante, promessas que jamais iria cumprir. Colaborar com o tribunal era uma conduta normal, aceita com frequência nos momentos de forte medo e pressão.

### Era possível driblar a Inquisição?

Certamente, essa é uma das perguntas mais difíceis de responder. Há momentos em que era impossível esquivar-se das perseguições inquisitoriais e há momentos em que era mais fácil fazê-lo. Afinal, a caça aos cristãos-novos não se limitava a um determinado espaço, mas acontecia em todo o território nacional. O temor do judaizante de ser capturado era enorme, tal qual aparece neste trecho:

Em todos os cantos de Portugal continuava, na época, a caça aos cristãos novos, cuja maioria continuava a seguir o Judaísmo em segredo. E Dom Carlos tinha medo... Depois de alguns minutos, o condutor saiu lentamente do seu local, olhou para ambos os lados e quando teve certeza de que ninguém o observava, abriu a porta da carruagem, ergueu o assento e puxou uma pesada arca que ocultava um pacote de livros.<sup>23</sup>

Nos círculos dos cristãos-novos, o medo de ser flagrado e denunciado era constante. A infiltração de cristãos-novos na sociedade portuguesa evidentemente existiu. Isso é fato. No entanto, é difícil quantificar e determinar em que porcentagens. De fato, desde o momento em que o judeu se converte ao Cristianismo, ele está, teoricamente, apto para atuar nas diferentes áreas da sociedade. E por mais que os cristãos quisessem obstaculizar o ingresso de conversos nas instituições, eles conseguiam rapidamente infiltrar-se. A seguir, um trecho do romance em que dois carcereiros aparecem conversando pejorativamente sobre dois importantes líderes do Santo Ofício, João Pedro Manuel e Arnaldo de Fonseca:

---

<sup>23</sup> Eliav, 2019, p. 46.



— Você está certo! Eles já serviram com lealdade a nossa fé. Não se pode tirar deles o que eles já conquistaram. Hoje, Lisboa está limpa da marca que esses porcos judeus deixaram. Em todos os lugares conseguiram achar estes impostores. No Exército, no governo, na Universidade.<sup>24</sup>

Em Portugal, conversos viviam falsamente segundo a lei de Cristo, conseguindo, inclusive, inserir-se em cargos específicos do próprio Santo Ofício. No romance, esse dado aparece em:

A ajuda que eu estou dando para salvar um judeu como você do amargor da morte da Igreja, servirá como meio de expiar os meus pecados, pois embora eu tenha voltado de todo o coração ao Judaísmo dos meus pais, eu continuo a viver a minha vida à sombra da cruz de mentira, e até mesmo a serviço da Inquisição".<sup>25</sup>

Numa outra passagem:

Ele ouviu em Amsterdã, segundo o que me contou, que nas instituições da Inquisição em Portugal há marranos, e que eles avisam àqueles de quem o Santo Ofício suspeita. Assim, eles conseguem escapar antes de serem presos. E desta forma evitam o castigo que merecem por sua traição à santa fé.<sup>26</sup>

## O mundo subterrâneo dos cárceres

Com a destruição das comunidades judaicas, não restaram sinagogas em pé e os judeus tiveram de se adequar a uma nova realidade face às conversões forçadas. O maior problema foi o de encontrar lugares seguros para observar os ritos e os preceitos, especialmente aqueles em que é necessária uma sinagoga ou espaços públicos. Comumente, os conversos congregavam-se em residências particulares, nas quais podiam sentir segurança diante de ameaças externas. Unidos por um destino comum, surgem verdadeiros "círculos de conversos". Essas células estão presentes na totalidade do território lusitano, constituindo um fenômeno que ensina acerca da força dos convertidos no seu estilo judaico de viver.<sup>27</sup>

O prédio da Inquisição e os tormentos aplicados aos hereges são citados no romance de Eliav. O escritor comenta que era frequente ouvir gritos de dor vindos dos cárceres, a ponto de os transeuntes evitarem passar frente ao prédio:

<sup>24</sup> Eliav, 2019, p.

<sup>25</sup> Eliav, 2019, p. 69.

<sup>26</sup> Eliav, 2019, p. 35; Beinart, 1961, p. 167-192.

<sup>27</sup> Faingold, 2016, p. 96-99.



De vez em quando se podia ouvir com clareza, através das altas muralhas que circundavam o edifício, os gritos agoniados de dor, que deixavam entrever as terríveis torturas que eram feitas lá dentro e que os marranos sofriam quando eram descobertos como judeus que cumpriam as *mitsvot*. Os moradores da cidade faziam de tudo para evitar passar pela rua que ficava ao lado deste temível edifício.<sup>28</sup>

Os autos de fé realizados em Lisboa decorriam em praças públicas e outros locais muito frequentados, contando com a presença das autoridades eclesiástica e civil. Um auto de fé era uma cerimônia com pompa, uma demonstração do poderio dos inquisidores. Ao mesmo tempo, era uma festa popular, anual e dispendiosa. O povo era convidado e assistia levando petiscos como para um piquenique. Na obra há uma fala entre dois carcereiros no exato momento em que era resgatado o cristão novo Arnaldo Rodrigues:

— O que eles estão esperando? Por que não o levam logo para fogueira do auto de fé? Dois anos já se passaram desde o último auto de fé. A multidão anseia por algo que os anime. Alguém que também espante estes cristãos-novos outra vez para suas tocas. O atrevimento deles passou todos os limites nos últimos tempos!<sup>29</sup>

Numa passagem de *Dom Carlos de Lisboa*, o inquisidor Pedro João Manuel se dirige ao secretário da Inquisição Dom Arnaldo da Fonseca:

Me escute com atenção, Arnaldo. Se investigarmos este episódio como devemos, se rastrearmos cuidadosamente todos os atos deste Dom Carlos, e se realmente descobrirmos que ele se encontrou com o herege Menashe Ben Israel... Lisboa terá um auto de fé como nunca se viu antes! Nós vamos queimá-lo em praça pública e nem mesmo o rei conseguirá salvá-lo de nossas mãos! O que você acha disso, Fonseca? Algo assim não acontece todo dia!<sup>30</sup>

Quem era esse Arnaldo Rodrigues, líder dos conversos de Lisboa? Na trama, ele era amigo de Menashe ben Israel e foi criado em Amsterdã. Por anos, os dois haviam sido parceiros de estudo, se aprofundando na Torá, no Talmud e na Halachá. Rabi Menashe pediu a Arnaldo que voltasse a Portugal, desistindo de uma vida judaica plena em Amsterdã, para viver novamente como um marrano em Lisboa. Isso é, viver

<sup>28</sup> Eliav, 2019, p. 21.

<sup>29</sup> Eliav, 2019, p. 154.

<sup>30</sup> Eliav, 2019, p. 25.



abertamente como cristão católico, mas como um judeu escondido. Esse pedido, porém, vai, teoricamente, na contramão da história, pois o essencial era deixar a capital portuguesa e não uma Amsterdã tolerante. No entanto, o sábio judeu radicado na Holanda pediu isso ao amigo, porque acreditava que a força da sua personalidade corajosa era necessária para ajudar àqueles que continuavam a guardar a Torá e cumprir as *mitsvot*, embora em segredo e sob as duras condições em que se encontravam.

Arnaldo Rodrigues, aliás Raphael Chaim, foi pego pela Inquisição em Purim, precisamente durante a leitura da *Meguilat Esther*. Num curto tempo, foi elaborado um plano de resgate para liberá-lo das garras do Santo Ofício. O converso Alfonso Rodrigues fala para Arnaldo Rodrigues no cárcere:

— Arnaldo, ouça! Dom Carlos decidiu, depois que voltou de Amsterdã, fazer de tudo para salvar você. Arnaldo, a salvação de D'us ocorre em um piscar de olhos, já existe um plano. Dom Carlos em poucos dias partirá, liderando uma expedição ao Brasil, e você estará a bordo.<sup>31</sup>

O leitor está diante de uma arriscada operação de resgate do líder dos conversos lisboetas rumo à Amsterdã. O navio de Dom Carlos o levaria até a cidade de Menashe Ben Israel. O traslado do líder dos conversos Arnaldo Rodrigues da carruagem para o navio é descrito como uma verdadeira operação de guerra:

As portas da carruagem abriram-se dos dois lados... Sem dizerem uma palavra e sem barulho algum, a caixa foi retirada da carruagem pelos quatro marinheiros que desceram do navio. Lenta e cuidadosamente, colocaram-na sobre os ombros, e subiram com a preciosa carga a rampa que conduzia ao convés superior. Os marinheiros sabiam que o líder resgatado das mãos da Inquisição estava na caixa. Eles sentiram a importância da missão sagrada que lhes tinha sido incumbida.<sup>32</sup>

O narrador do romance descreve, ainda, a fuga do Porto:

A carruagem em que estava Dom Carlos disparou para o norte. Antes do amanhecer tinha que chegar ao Porto, a grande cidade no norte de Portugal. Ao seu lado, naquela carruagem estava Rodrigues de Oliveira, o líder dos marranos no Porto e

<sup>31</sup> Eliav, 2019, p. 42.

<sup>32</sup> Eliav, 2019, p. 159.



redondezas. Durante todo o caminho ambos ficaram em silêncio, apesar da carruagem também ser de irmãos marranos.<sup>33</sup>

Comumente, os cristãos-novos congregavam-se em residências. Nelas, eles podiam sentir um pouco de segurança diante das ameaças externas. Unidos por um destino comum, havia diversos “círculos de conversos”, congregados diariamente. Nossa pesquisa, centrada no século XVI, revela também a incerteza existencial de comunidades inteiras que saíram do Judaísmo, mas não conseguiram ingressar no Cristianismo. Essas células localizadas no território lusitano, representam um fenômeno único que demonstra a força dos conversos no seu estilo judaico de viver.<sup>34</sup>

No romance, liderar uma comunidade de conversos judaizantes era motivo de orgulho. Para Arnaldo Rodrigues:

É preciso fazer alguma coisa, e eu estou pronto para assumir esta função. E se eu não voltar de lá, por favor, cuide da minha esposa Cecília e dos meus três filhos, certificando-se de que eles continuem a crescer como judeus, e... diga a eles quem foi o pai deles”. Foi assim que surgiu o movimento de resistência clandestino dos judeus de Portugal. E agora, tudo estava em risco. Arnaldo tinha sido preso...<sup>35</sup>

Os diferentes roteiros de fuga dos cristãos-novos lusitanos revelam os itinerários distantes que se espalhavam pelas estradas da Europa, África, Ásia e Américas. Achar sossego num porto seguro era, pois, para qualquer converso, uma garantia de poder observar seus preceitos milenares.

## Roteiros de fuga

A saída dos cristãos-novos da Península Ibérica criou uma “diáspora hispano-portuguesa” com inúmeras rotas de fuga. Nelas, foram surgindo comunidades de conversos em que seus membros guardavam com segurança ritos e preceitos, ingressando e adaptando-se ao novo lar. Um cristão-novo ajudava o outro nesse árduo processo de adaptação. Essa realidade pode ser observada em cidades da Europa, Ásia e Oriente Médio como Rouen, Nantes, Bordeaux, Londres, Antuérpia, Pisa, Pesaro, Livorno, Ancona, Ferrara, Módena, Veneza, Amsterdã, Hamburgo, Salônica, Istambul, Izmir, Goa, Cochim e Safed.<sup>36</sup>

No romance, observe-se as palavras de Dom Carlos à procura de uma cidade segura para fugir de Portugal:

<sup>33</sup> Eliav, 2019, p. 45.

<sup>34</sup> Faingold, 2016, p. 92-111.

<sup>35</sup> Eliav, 2019, p. 18.

<sup>36</sup> Faingold, 1991, p. 235-259.



Se D'us nos ajudar e conseguirmos tirar Rafael Chaim da mão da sangrenta Inquisição, talvez encontremos o caminho para uma cidade segura, onde possamos viver como judeus. Não acho que Amsterdã seja boa para nós. Eu sou muito conhecido e Amsterdã está repleta de espiões católicos. Talvez Antuérpia, ou Veneza. E talvez, só talvez, possamos fugir justamente para Israel...<sup>37</sup>

O rabino holandês Menashe ben Israel, nascido na ilha de Madeira, em 1604, aparece citado com seu nome cristão num processo de Inquisição:

[...] e, além disso, a testemunha declarou que há cerca de oito ou nove anos ela viu na cidade de Amsterdã.... na sinagoga dos judeus, um 'cristão-novo' vestido com um manto branco, que é um sinal usado entre os judeus para mostrar que estão na sinagoga deles. Quando a testemunha começou a conversar com o judeu português supracitado, o estranho lhe informou que o seu nome era Manuel Dias Soeiro, e que tinha nascido na Ilha da Madeira. Depois disso, a testemunha ouviu de terceiros que aquele cristão-novo de fato se chamava assim e que realmente tinha nascido naquela ilha. No entanto, na cidade mencionada ele tinha um nome hebraico: Menashe Ben Israel, e ele mesmo ocupava o cargo de rabino e professor da religião de Moisés. Ele contou à testemunha que expediu duas arcas cheias de livros de sua própria autoria. Uma delas foi para a Espanha e a outra para o Brasil. O nome do livro é "Comentários sobre as Sagradas Escrituras". A testemunha tem com ela uma cópia do livro mencionado e agora ele se encontra retido na alfândega. A testemunha trará o livro e o apresentará perante o tribunal...<sup>38</sup>

Amsterdã era, no século XVII, o destino preferido dos cristãos-novos portugueses. Em tempos de mercantilismo, a metrópole holandesa oferecia tolerância religiosa e progresso econômico. No romance, numa conversa entre funcionários da Inquisição, um deles de nome Octávio, comenta:

- Eu acho que o assunto da reunião com Dom Carlos deve ser Amsterdã — sugeriu Octávio.
- Amsterdã!? — Disse admirado De Fonseca.
- Sim, sim, Amsterdã! Dom Carlos visitou o local várias vezes. Vamos dizer para ele que queremos sua ajuda para podemos

<sup>37</sup> Eliav, 2019, p. 108; Faingold, 2020, p. 32-39.

<sup>38</sup> Eliav, 2019, p. 22-23.



obter informações sobre marranos que fugiram para lá e voltaram ao Judaísmo.<sup>39</sup>

## A vinda dos conversos ao Brasil

A descoberta do Brasil em 1500 contou com a presença empreendedora de vários cristãos-novos. A Capitania de Pernambuco, no nordeste do Brasil, foi, no século XVII, alvo do colonialismo holandês e Recife foi refúgio de judeus vindos de Amsterdã. Eles estabeleceram nos trópicos importantes comunidades judaicas, dentre elas a Zur Israel em 1637. Suas instalações abrigaram a primeira sinagoga das Américas e, atualmente, hospedam o Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco, no centro histórico de Recife.<sup>40</sup>

Eliav lembra esse momento dos cristãos-novos no Brasil colonial por meio de uma curiosa conversa entre Luís e o comandante do navio, pouco antes de partir Dom Carlos rumo à Terra de Santa Cruz:

— Oh, eu entendo, o senhor quer saber nossos nomes? Por favor, tudo bem! Bem, meu nome é Alfonso Neves, e eu sou um padre, cujo mandato é em Coimbra. Agora, eu preciso ir para o Rio de Janeiro, no Brasil. Lá, quero ajudar um amigo meu no culto da igreja local, e organizar as atividades da Inquisição. Há muitos “cristãos-novos” que emigraram para aquele país. Quem sabe se lá eles não estão maculando o bom nome da Igreja e retornando à sua apostasia ancestral judaica? Temos de reforçar a nossa vigilância sobre eles. Não estou certo, senhor?! O senhor não pensa assim?! E, talvez, também possamos levar a mensagem da cruz para os selvagens de pele vermelha, os nativos do próprio Brasil. Aqui, senhor, estão todas as aprovações necessárias, indicando que fomos enviados pelas instituições da Igreja.<sup>41</sup>

Numa das falas de Dom Carlos, ele comenta a chegada de Lisboa, Arnaldo Rodrigues (aliás Raphael Chaim), ao nordeste brasileiro:

Parte da Marinha viajará daqui a poucos dias ao Brasil, para as colônias do norte sob o controle do nosso país, e Arnaldo será levado escondido em um dos navios. O plano ainda é confidencial. Eu não quero falar sobre ele...<sup>42</sup>

Um número considerável de navios partia anualmente rumo ao distante Brasil, transportando mercadorias e figuras comunitárias, principalmente rabinos que iriam

<sup>39</sup> Eliav, 2019, p. 60.

<sup>40</sup> Vainfas, 2010.

<sup>41</sup> Eliav, 2019, p. 172-173.

<sup>42</sup> Eliav, 2019, p. 51.



desempenhar cargos nas novas comunidades. Dessa forma, chegaram em Recife os rabinos Raphael D’Aguilar e Isaac Aboab da Fonseca. Eis o trecho do romance em que acontecia uma conversa nos cárceres em que o prisioneiro é comunicado que será removido e conduzido a Holanda:

Amanhã, Rafael Chaim, vamos levá-lo embora daqui. A fragata Vera Cruz está prestes a partir para o Brasil, e ela vai levá-lo para o Recife, para Rabi Isaac Aboab, que você provavelmente conhece de Amsterdã. Ele é o rabino da cidade. Sim, sim, os holandeses ocuparam o local, mas o nosso rei fez uma aliança temporária com os holandeses, para permitir que nossos navios pudessem atracar lá. Já pensou que esse pacto veio dos céus para que pudéssemos levar você para lá? Você está me ouvindo?!<sup>43</sup>

## Considerações finais

Inúmeras pesquisas foram realizadas sobre a Inquisição e sobre o modo indescritivelmente cruel usado para converter judeus ao Cristianismo. Nossa conclusão, após esses estudos, é que era extremamente difícil resistir a essa lubrificada máquina de tortura e morte. Nessa luta interminável, é possível detectar três grupos bem definidos: o primeiro é representado por judeus exilados que recusaram converter-se a outra religião e rapidamente sucumbiram; o segundo grupo não resistiu às brutais perseguições e se converteu à Lei de Cristo, frequentando igrejas e vivendo uma vida plena na nova religião; o terceiro grupo foi composto pelos que foram batizados à força sob ameaça de morte, porém mantiveram as práticas judaicas em secreto, clandestinamente. Sobre esse último grupo trata o romance *Dom Carlos de Lisboa*, de Chaim Eliav.

Mas não foi a Inquisição que inaugurou essa atmosfera de perseguição e terror. Ela já aconteceu antes na história, talvez em escala menor: na Espanha do século VII, na época das Cruzadas, durante os séculos XI-XIII, e ainda quando comunidades judaicas do Mediterrâneo tiveram que aceitar o Islã como sua religião e Maomé como seu profeta sob ameaças de morte.

O denominador comum em todas essas histórias de perseguição é que os perpetradores não conseguiram erradicar o Judaísmo de forma intrínseca. Como um legado eterno, ligado à alma judaica e a seus ensinamentos milenares, não foi nem será possível afastar os judeus desse legado.

A ficção histórica de *Dom Carlos de Lisboa* prende à atenção do leitor até a última página, colocando-o em contato com toda essa luta de fé, determinação e confiança dos conversos no Todo-poderoso. Leitura obrigatória, o romance traz a história de

<sup>43</sup> Eliav, 2019, p. 68.

verdadeiros mártires que optaram passar pelas mais terríveis torturas nos fétidos calabouços da Inquisição a ter que abandonar o D'us de Israel.

## Referências

- BEINART, H. The Judaizing Movement in the Order of San Jeronimo in Castile. *Scripta Hierosolymitana*, v. 7, p. 167-192, 1961.
- ELIAV, Chaim. *Dom Carlos de Lisboa*. São Paulo: Maayanot, 2019.
- FAINGOLD, Reuven. Searching for Identity – The Trial of the Portuguese Converso Vicente Furtado: 1605 1615. *PEAMIM* 46-47, p. 235-259, Spring 1991.
- FAINGOLD, Reuven. Conversos portugueses nos “Livros de Denunciações do Santo Ofício – Século 16”. *Rumos da História*, v. 2, n. 3, p. 92-111, ago.-dez. 2016.
- FAINGOLD, Reuven. Safed - Refúgio de conversos no século 16. *Morasha*, p. 32-39, set. 2020.
- KAPLAN, Y. (ed.). The Travels of Portuguese Jews from Amsterdam to the Lands of Idolatry (1644-1724). In: KAPLAN, Y. *Jews and Conversos. Studies in Society and Inquisition*. Jerusalem: Magnes Press; 1985. p. 197-224.
- VAINFAS, R., *Jerusalém colonial: judeus portugueses no Brasil holandês*. Civilização Brasileira, 2010.

-----

Enviado em: 10/04/2025

Aprovado em: 30/04/2025